HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: CONHECIMENTO HISTÓRICO E COMUNICAÇÃO DE MASSA NO ESPAÇO ESCOLAR

Selma de Fátima Bonifácio – selma_bonifacio@uol.com.br – PPGE/UFPR
Luís Fernando Cerri - lfcronos@yahoo.com.br – DEHIS/UEPG

As histórias em quadrinhos representam, indubitavelmente, um importante meio de comunicação de massa, sendo foco de interesse não só do público infanto-juvenil, normalmente identificado como público-alvo da leitura de quadrinhos, como também por parte de intelectuais e pesquisadores de diferentes ramos do conhecimento. Mas não são apenas os quadrinhos que têm despertado o interesse de professores e pesquisadores, particularmente no ensino de História. Pesquisas importantes têm sido feitas, analisando programas televisivos, a música, a informática, o cinema, e mesmo charges e *cartuns*, considerados antecessores dos quadrinhos. Este interesse acadêmico por diferentes linguagens deve-se, em parte, à compreensão de que a escola não é mais a única instituição capaz de informar o indivíduo, mas que interage com inúmeros outros meios, podendo então, caracterizar-se como uma instância de singular valor político e pedagógico, na medida em que possibilite uma ampliação e articulação com os saberes disponíveis socialmente.

Mas a percepção de que os meios de comunicação de massa, particularmente as histórias em quadrinhos, representam elementos importantes de análise e aprendizagem histórica, nem sempre foi tida como unanimidade. Sua aceitação no espaço escolar não se manifestou com a simpatia que caracterizou a entrada de outros meios no universo escolar, como a informática, por exemplo. Sendo um característico meio de comunicação de massa, sua origem histórica remonta ao fim do século XIX, e à grande efervescência das inovações tecnológicas e comunicacionais que configuravam aquele momento: as distâncias repentinamente eram reduzidas, com o auxílio de meios produzidos em larga escala, como o rádio, o jornal e o cinema.

No universo eufórico que caracterizava tal período histórico, os quadrinhos iam ao encontro das camadas trabalhadoras e iletradas dos Estados Unidos, com suas temáticas

divertidas (por isso foram chamados de *comics*, nos Estados Unidos), as muitas ilustrações e pouco texto. Assim, enquanto pessoas cultas ampliavam seus horizontes através de literatura clássica, da música erudita e de passeios a museus, crianças, pobres e imigrantes recorriam à “leitura” dos quadrinhos como forma de inserção no universo da comunicação. Este fato, talvez possa explicar, ao menos em parte, o descaso e, até mesmo um certo preconceito gerado pela leitura das histórias em quadrinhos, tidas, por muito tempo, como um simples subproduto cultural. As críticas, desde seu surgimento, até poucas décadas atrás, vinham de pais, educadores e intelectuais.

Felizmente, de lá para cá a situação tem se alterado significativamente e os quadrinhos, assim como outros meios característicos da cultura de massa, como o cinema e a televisão, já não causam aversão e, gradualmente, passam a ser elementos constantes na sala de aula, em função da proximidade dos seus sujeitos (alunos e professores) com os recursos e a linguagem midiática. Mesmo assim, no que se refere à presença dos quadrinhos em sala de aula, podemos perceber uma ação ainda restrita, em termos de análise, utilização, e produção científica relacionada com o tema, particularmente no ensino de história. O que almejamos, neste sentido, é analisar o conteúdo histórico de algumas histórias em quadrinhos, percebendo-as como importantes focos pelos quais o conhecimento histórico circula socialmente.

Compreende-se que o conhecimento histórico não se restringe à sala de aula, ou ao espaço acadêmico. Neste aspecto, Marc FERRO (1989) destaca que, mais do que nunca, a história não é resultado de um convívio harmônico entre os indivíduos. Ao contrário, é conseqüência de um enfrentamento político-ideológico, que ocorre não apenas na academia ou na escola, mas também na mídia, em seus mais distintos veículos: televisão, cinema, literatura, quadrinhos, etc. Por se tratar de um campo de poder, a história é disputada e colocada sob vigilância, pelas muitas instituições que objetivam o controle social, seja o Estado, a igreja, ou a própria sociedade. E assim, nasce a história oficializada, sustentada pelas instituições e camadas vencedoras da população.

Assim, são inúmeros os focos que acabam por concretizar, individual e socialmente, a formação de consciências históricas, no confronto entre as narrativas, os silêncios, os ruídos e balbucios sociais. No que se refere à formação da consciência histórica, utilizamo-nos da elaboração conceitual do pensador alemão Jörn Rüsen.

Para Rüsen, a presença da consciência histórica não é uma característica de especialistas ou dos indivíduos formados nas escolas, academias e cursos de história. É na verdade, algo inerente ao ser humano, em sua própria condição de existência cotidiana. Assim, todos nós acabamos desenvolvendo uma consciência histórica, a partir de nossa inserção no mundo. Mas qual seria a distinção entre o pensamento histórico cotidiano, e o saber produzido academicamente? CERRI (2001, p.100) aponta que o pensamento histórico vinculado ao conhecimento acadêmico trata de uma perspectiva mais complexa e especializada de uma atitude que é cotidiana, e "ligada ao fato de se estar no mundo".

Desta forma, rompe-se com a percepção elitista de história, em relação à vida de todo indivíduo. Afirma Rüsen: "São as situações genéricas e elementares da vida prática dos homens (experiências e interpretações do tempo) que constituem o que conhecemos como consciência histórica" (RÜSEN, 2001, p. 54)

Assim, natural ou cientificamente, cotidiana ou sistematicamente, todo e qualquer ser humano, ao longo de sua existência e vida práticas, acaba por construir e concretizar a existência de uma consciência histórica, através de operações mentais, que acabam por gerar resultados cognitivos.

Neste sentido, muitas das histórias em quadrinhos produzidas, acabam por se configurar como importantes referências vindo, muitas vezes, a se integrar a obras, eruditas e acadêmicas. Podemos citar, neste caso os quadrinhos Asterix, Mafalda e Garoto Amarelo, como produções que analisam e representam um determinado momento histórico. Assim, a arte seqüencial representada pelas HQ's (histórias em quadrinhos), pode se caracterizar em uma boa contribuição, no que se refere à análise e formação de consciência e narrativas históricas, em sala de aula.

A história oficial tem, ainda nos dias atuais, exercido uma grande influência na vida social e escolar. E, neste aspecto, percebemos ainda a existência de um rigor curricular que busca amarrar o acontecimento, a narrativa histórica. Por outro lado, vivemos em uma sociedade fortemente marcada pela presença da mídia, das diferentes linguagens comunicacionais, e de uma velocidade nunca antes vista, no que tange às informações, descobertas, pesquisas. O aluno assiste à aula em uma dada perspectiva e narrativa histórica e, através da leitura dos quadrinhos interage com outras abordagens, novas e velhas formas de se contar o passado e o presente da sociedade. Em face dessa realidade, justifica-se o uso dos quadrinhos em sala de aula.

Mas as histórias em quadrinhos possuem características específicas. O conhecimento histórico, ao ser quadrinizado, passa por determinadas alterações, tanto na adaptação do conteúdo à forma quanto na criação de novas relações entre o sujeito do conhecimento e o seu suporte. De um momento trazido da memória, ou descrito através de um texto narrativo, torna-se cristalizado em quadros sucessivos que, isoladamente, não detêm um sentido global. Transpõe-se, assim, a linearidade dos textos tradicionais, oferecendo ao leitor a aproximação com uma outra perspectiva, obtida a partir da representação visual, da expressão fisionômica dos personagens, suas ações, seus diálogos e pensamentos. O leitor pode reconhecer-se nos personagens representados, identificar-se com determinadas ações ou repudiar as atitudes expressas na trama. E, historicamente, esta estrutura serviu para que muitos artistas e governos fizessem uso dos quadrinhos para transmitir suas mensagens e, quem sabe, até mesmo convencer os leitores de suas causas, concepções e ideologias. São os quadrinhos fazendo com que a História continue exercendo o que FERRO (1983, p.12) chamaria de “uma dupla função, terapêutica e militante”.

Como exemplos da vinculação entre as HQ’s, e uma intencionalidade de domínio e controle de a narrativa histórica, podemos citar os quadrinhos de Mao Tsé-Tung, utilizados pelo governo chinês como campanha político-educacional nos anos de 1960, e de Mahatma

Ghandi, além de outros. Assim, buscamos analisar algumas obras que, ao abordar fatos e narrativas históricas, concretizam concepções e consciências históricas, em alunos, professores e em leitores de modo geral.

Num primeiro momento, analisamos quadrinhos produzidos durante as décadas de 1960 e 1970, período em que houve uma significativa produção de HQ's voltadas à didatização de conteúdos históricos, o que era considerado como nobre e adequado à formação da juventude, intelectual e moralmente falando.

Para DUTRA (2003, p.12): "Os quadrinhos com temas históricos freqüentemente se tornam ufanistas nas mãos de movimentos nacionalistas (...) No Brasil, o nacionalismo oficial pós-golpe de 64 também usou os quadrinhos como meio de cativar as crianças num esforço de fabricação de um sentimento patriótico..." Nesse período, foram várias as produções, intituladas *"Grandes Figuras em quadrinhos"*, tendo como temática a biografia romanceada de heróis nacionais, como Duque de Caxias, Getúlio Vargas e Oswaldo Cruz. Tais obras, publicadas pela Editora Brasil-América (EBAL), eram apresentadas em preto-e-branco, sem o ritmo e a agilidade dos quadrinhos. Em relação a tais produções quadrinizadas, CALAZANS (2004, p. 11) afirma: "... as HQs eram descritivas e monótonas, estáticas, sem ação nem envolvimento emocional, sem nenhum suspense (...) abusando de enormes balões de texto e quadros informativos em linguagem pomposa e difícil, um tom de Diário Oficial ou ofício-memorando, documento burocrático...". Sem dúvida, a ausência de movimento, de ações e tramas mais elaboradas, faziam das "Grandes Figuras em Quadrinhos", uma tentativa equivocada de unir o conhecimento histórico biográfico, com a linguagem midiática dos quadrinhos. Na realidade, em tais obras, destacava-se as virtudes heróicas a clara exaltação de vultos brasileiros.

Além destas produções quadrinizadas, tivemos outros autores e professores, que buscaram a elaboração de material didático, aliado ao uso explícito dos quadrinhos.

Em meados da década de 1960, o professor Julierme de Abreu e Castro[i] lança algumas obras consideradas extremamente inovadoras para aquele período. Seus livros possuíam textos ilustrados por figuras coloridas. Os textos (roteiro e legendas) eram produzidos pelo próprio Julierme, e os desenhos, pelos desenhistas argentinos Eugênio Colonnese (italiano de nascimento) e Rodolfo Zalla[ii]. No que se refere à inserção de quadrinhos em livros didáticos, afirmava o autor (1971, p.8): "A experiência demonstrou a validade do emprego da técnica do quadrinho no livro didático – a julgar pelas numerosas cartas de professores em nosso poder e pelo aumento do interesse do estudante pela História, testemunhado por todas elas." Neste aspecto, podemos observar uma preocupação com a qualidade dos desenhos, bem construídos, e uma presença de cores bastante definidas, que se apresentam em uma boa proporção, sem excessos. Estes elementos caracterizam alguns dos aspectos positivos dos quadrinhos apresentados.

Além destes exemplos, gostaríamos de salientar uma produção igualmente significativa, em relação aos quadrinhos e conhecimento histórico. Trata-se de *"Cai o Império: República Vou Ver!"* (1983), uma obra paradidática realizada pela historiadora Lilia Moritz Schwarcz[iii], em parceria com o cartunista Angeli[iv]. O livro aborda momentos da História do Brasil, focada a partir de "O golpe da Maioridade de D. Pedro II"; "As eleições do cacete"; o poder das elites e partidos políticos; o domínio britânico; o tráfico e o escravismo no Brasil; a chegada dos imigrantes; a "Guerra do Paraguai", entre outros. E a história mais recente do Brasil também tem sido contada através das histórias em quadrinhos. É o exemplo de *"Subversivos: a luta contra a ditadura militar no Brasil"* (2001), obra produzida pelos artistas André Diniz (roteiro e editoração), Laudo e Marco (ilustração) e Omar Viñole. A história é uma obra de ficção, mas com base em elementos históricos, que mesclados, passam a girar em torno da resistência e da luta armada contra a ditadura militar e o AI-5.

A pesquisa, entretanto, objetiva uma análise, de modo particular, da Turma da Mônica na Série *"Você Sabia?",* de Maurício de Sousa. Tratam-se de revistas em formato americano, com qualidade gráfica superior às revistinhas tradicionais, e abordam, entre outros, temas da História do Brasil, como *Abolição dos Escravos*, a *Independência*, a

Proclamação da República e o *Descobrimento do Brasil*, além da biografia de *Santos Dumont*. Tais obras circulam por todo o território nacional, e seu lançamento nas bancas precede ao Calendário Cívico Nacional. Assim, *O Descobrimento do Brasil* e *Abolição dos Escravos* são lançados, periódica e anualmente, no mês de abril, *A Independência do Brasil* é lançada em agosto e a *Proclamação da República* tem seu lançamento no mês de outubro.

Nas historinhas, são abordados fatos e acontecimentos da História do Brasil, entremeados com jogos, passatempos e informações históricas, de forma leve e divertida, indo ao encontro, principalmente, do leitor público infanto-juvenil, em idade escolar. Os personagens da Turma da Mônica são participantes e agentes dos acontecimentos, e usam o bom humor para responder às necessidades que surgem. Os acontecimentos cívicos são vistos como algo correto e adequado e cada personagem ocupa uma função de destaque na trama. Assim, no volume 2 da série, *Abolição dos Escravos*, Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali convivem com Castro Alves, Rui Barbosa e a presença de uma delicada Princesa Isabel, além do "Tio José", figura de José do Patrocínio, que lhes conta histórias da escravidão e libertação.

Já no volume 4, a *Independência do Brasil*, temos Cebolinha como Dom Pedro e Mônica como a Imperatriz Leopoldina, além de Franjinha representando o paulista José Bonifácio. Parece-nos evidente que, aos olhos dos leitores que se identificam com a Turma da Mônica, também é fácil identificar-se com os personagens históricos incorporados por eles, bem como com suas causas. Afinal, em última instância, todos buscam a solução dos conflitos e a harmonia social.

A importância de materiais como estes, ainda que produzido com objetivos comerciais, de modo não-formal, e sem o rigor curricular característico do ensino, está na questão da democratização da narrativa e do conhecimento histórico. Trazer tais elementos e linguagens para dentro da sala de aula pode ser um fator que aproxime diferentes níveis de conhecimento, formal e informal, acadêmico e popular, didático e comercial. Com isto, quem sabe, passe-se a observar a perspectiva histórica a partir de suas inúmeras

subjetividades e relativizações, favorecendo, deste modo, a percepção de que a consciência histórica é um atributo de todo e qualquer indivíduo, e que está presente dentro e fora dos limites escolares, inscrita em diferentes espaços de relação e comunicação, não se restringindo a ambientes acadêmicos privilegiados que, por vezes, tendem a distanciar-se de grande parte da população e de sua vida cotidiana.

---

[i] O professor Julierme de Abreu e Castro, falecido em 1983, é considerado um pioneiro, ao inserir histórias em quadrinhos e exercícios diferenciados (como cruzadinhas) nos manuais didáticos.

[ii] Colonnese criou em 1967, *Mirza,* a Mulher Vampira, um grande sucesso dos quadrinhos de terror, e que precedeu a americana *Vampirella*, de 1969. Já Zalla, que tem uma carreira como editor de quadrinhos, destaca-se, principalmente, como desenhista, tendo percorrido diferentes gêneros, do terror, aos quadrinhos de faroeste e guerra.

[iii] Lilia Katri Moritz Schwarcz, historiadora e antropóloga e professora livre-docente no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo.

[iv] Arnaldo Angeli Filho é considerado um dos grandes desenhistas de quadrinhos, charges e cartuns da atualidade.